

# Feminismo contemporâneo no Quebec: Entre as práticas e os discursos<sup>1</sup>

*Francine Descarries* \*

**Resumo.** Ao definir o feminismo como prática, discurso, ou ainda como movimento social e problemática teórica, neste artigo, a autora retrata os principais fatores sócio-históricos de suas origens e de sua especificidade, bem como da dinâmica do movimento feminista do Quebec. No atual contexto neoliberal, postula-se que o movimento das mulheres do Quebec representa um ator sócio-político de primeira grandeza, uma vez que propõe perspectivas de análise plurais e compreensivas para apreender a dimensão sexuada dos processos sociais.

## Apresentação

O feminismo no Quebec — seja como prática sócio-política, seja como discurso teórico que interpela a dimensão sexuada das relações sociais — já teve impacto suficiente na vida das mulheres e dos homens para que possamos designá-lo como ator de primeiro plano na dinâmica social das últimas décadas, e, até mesmo, como movimento social de destaque na história contemporânea do Quebec. No entanto, seria prematuro classificá-lo entre os fenômenos do passado... ou afirmar que não teria resistido ao desgaste do tempo.

Apesar de uma forte campanha mediática de desinformação, que não perde uma única oportunidade de anunciar sua derrota em todo o Ocidente, e dos ventos de neoliberalismo, que sopram sobre toda a América, cantando os prazeres, se não as virtudes, do refluxo sobre si mesmo e da privatização, o movimento feminista do Quebec permanece uma força política real. A adesão a seus objetivos afirma-se indubitavelmente, ainda hoje, como

---

\* Francine Descarries é doutora em sociologia e professora da Université de Québec à Montréal, Canadá.

comprova uma recente sondagem de opinião encomendada pelo Conselho do Estatuto da Mulher.

Ao retomando o comentário da jornalista Danielle Stanton (1994: 16), os resultados dessa sondagem indicam claramente que as feministas do Quebec não sentiram a necessidade de “ir para o mato” ou abandonar o movimento por causa de intolerância ou de abusos. Ao contrário, a metade (51%) responde decididamente *sim* à pergunta “você é feminista?”. Paradoxalmente, são as que pertencem à geração dos 45-54 anos — ou seja, as que viveram o que poderíamos chamar os “anos dourados do feminismo radical” — as que mais recusam, proporcionalmente, essa denominação. Com essa reação elas expressam um cansaço, um desencantamento ou simplesmente uma vontade de se afastar da luta? Ninguém saberia responder com precisão. Seja como for, apenas 43% das mulheres nessa faixa etária declaram-se feministas, em comparação aos 50% das jovens de 18 a 24 anos e aos 60% das mulheres entre 35 e 44 e entre 55 e 64 anos de idade. Aliás, a proporção é análoga à das estudantes e das mulheres mais instruídas que declaram seu feminismo (60%). Enfim, contra todas as expectativas, 52% das donas de casa e 51% das mulheres com mais de 65 anos de idade tampouco hesitam em fazer o mesmo.

Apesar das hesitações de algumas em identificar-se ao feminismo, a mesma pesquisa confirma que, reunidas todas as categorias sociais, 85% da população do Quebec de mais de 18 anos de idade apoia o movimento das mulheres e sua atuação política, enquanto a grande maioria das pessoas interrogadas, que se declaram feministas (91%) ou não (80%), interpretam o feminismo como uma busca de igualdade entre os sexos, conforme mostram os dados, a seguir, da Tabela 1. De fato, apenas uma pequena minoria de homens e mulheres — pouco mais de 10% — teima em acreditar que, sob os traços de uma feminista, esconde-se uma “virago” que “quer tomar o lugar dos homens” (6,2%) ou então uma amazona, às vezes frustrada, às vezes insaciável “que não gosta de homem” (4,0%) ou que “condena as donas de casa” (4,2%). Essas pessoas anti-feministas constituem, portanto, uma exceção. Tanto mais que 3 em cada 4 mulheres do Quebec (75%) e dois em cada 3 homens (63%) concordam que uma pessoa feminista é aquela “que preconiza a igualdade entre homens e mulheres” e que um contingente residual de 10% (8% das mulheres e 13% dos homens) associa a “feminista” à “militante”.

Essas percepções autorizam-nos a pensar que homens e mulheres do Quebec resistiram até agora aos contra-ataques anti-feministas e concebem que a luta pela igualdade serviu de alavanca para a ação coletiva do movi-

Tabela 1

PERCEPÇÃO DO FEMINISMO E CONDIÇÃO DAS MULHERES NO QUEBEC:  
 ALGUNS RESULTADOS DE UMA PESQUISA  
 ENCOMENDADA AO CONSELHO DO ESTATUTO DA MULHER, EM 1994

<i>Uma pessoa feminista é primordialmente alguém que...</i>	♦ preconiza igualdade	69,3
	♦ milita em grupos de mulheres	10,3
	♦ não gosta de homens	4,0
	♦ quer tomar o lugar dos homens	6,2
	♦ é contra as donas de casa	4,2
<i>Você diria que a situação das mulheres no Quebec melhorou nos últimos vinte anos</i>	♦ muito	43,4
	♦ bastante	34,1
	♦ pouco	19,6
	♦ nada	1,5
<i>Em que aspecto a situação melhorou mais</i>	♦ trabalho	56,3
	♦ política	6,8
	♦ autonomia financeira	5,1
	♦ promoção social	4,7
	♦ educação	4,1
	♦ vida pessoal	2,1
<i>Você diria que homens e mulheres têm oportunidades iguais</i>	♦ distribuição de tarefas	1,2
	♦ para obter diplomas	♦ sim 86,0
		♦ não 11,9
	♦ ascender a profissões mais lucrativas	♦ sim 48,1
		♦ não 47,9
	<i>Quem executa a maior parte das tarefas domésticas</i>	♦ mulheres
♦ os dois		18,2
♦ homens		1,5
♦ nenhum dos dois		0,1
<i>O medo da violência afeta a condição de vida das mulheres</i>	♦ muito	62,5
	♦ bastante	25,0
	♦ pouco	8,6
	♦ nada	1,6
<i>Você se considera feminista (Resposta somente das mulheres)</i>	♦ sim	51,0
	♦ não	48,6

Fonte: *La Gazette des Femmes*, Conseil du Statut de la Femme, Quebec, vol. 15, n. 6, 1994, pp. 13-19.  
 Para facilitar a leitura da Tabela, omitiu-se a categoria *não respondeu*.

mento de mulheres do Quebec. A pertinência dessa interpretação merece destaque, já que a adesão à problemática da igualdade é, segundo a nossa análise, uma constante que atravessa todas as fases de desenvolvimento do movimento das mulheres e as múltiplas formas de expressão de seu pensamento e de suas práticas: das mais radicais às mais instrumentais, passando por aquelas que se filiam às reformulações neoliberais ou pós-modernas.

### Lutas que mobilizam

É certo que a face do feminismo transformou-se, no Quebec, ao longo dos últimos dez anos. Aqui como alhures, as grandes manifestações são mais raras, enquanto as conquistas permanecem frágeis, em uma sociedade apressada em passar adiante para outras coisas e desestabilizada por uma crise sócio-econômica profunda. E se ainda nos anos 80 os grupos de mulheres proliferam (Ouellette, 1990), também é verdade que suas reivindicações são agora enunciadas em um contexto político menos radical. Suas práticas atualizam-se em formas diferentes, mais variadas ou especializadas, mas também mais focalizadas e mais concretas, ancoradas na realidade cotidiana de todas as mulheres: luta contra a violência, acesso aos cuidados de saúde, equidade salarial, representatividade política, conciliação família-trabalho e capacitação empresarial feminina são questões mobilizadoras. Atualmente, por motivos de força maior, assumem mais frequentemente a luta contra a pobreza, contra a marginalização de trabalhadores e trabalhadoras de estatuto precário e contra a exclusão social de que as mulheres são desproporcionalmente vítimas, principalmente quando têm responsabilidades familiares ou pertencem a grupos minoritários. Assim, face à crise sócio-econômica provocada tanto pelas atuais estratégias governamentais de desestatização e de desinstitucionalização como pela violenta reestruturação do mercado de trabalho, telecomandada pela mudança tecnológica e pelo enfraquecimento do poder de negociação dos trabalhadores e trabalhadoras, o movimento das mulheres continua sendo uma das raras vozes que consegue formular uma crítica social concertada contra a "mercantilização" das pessoas e das relações sociais. Para além dos objetivos de curto e médio prazos, continua, ainda hoje, contestando a herança patriarcal em todas as suas ramificações e mantendo seu apelo em favor de uma transformação das práticas sociais e de uma renovação dos olhares e dos discursos, até mesmo pelo peso de sua presença, da pertinência social de suas intervenções e do alcance de suas ações concretas.

Assim, nesses últimos anos, mesmo se tais manifestações tornam-se cada

vez mais raras no Ocidente, dois eventos maiores do feminismo mobilizaram milhares de mulheres no Quebec. O primeiro, *Femmes en tête* — “Mulheres na cabeça” —, imensa manifestação feminista de três dias, organizada em 1990 para comemorar o quinquagésimo aniversário do direito de voto das mulheres, permitiu renovar os laços de solidariedade entre mulheres de todos os meios sociais, fazer um balanço de todas as mutações que afetaram irremediavelmente suas vidas e confirmar que essas “falam, de ora em diante, com vozes múltiplas” (Clio, 1992: 17). O segundo monopolizou, no fim da primavera de 1995, milhares de mulheres para uma marcha contra a pobreza. Mais conhecida como a marcha “do pão e das rosas”, essa manifestação sem precedentes visava à obtenção do compromisso formal do governo quanto a medidas consideradas essenciais para a erradicação da pobreza das mulheres. Exatamente um ano mais tarde, insatisfeitas com os resultados, dez mil mulheres voltaram à colina parlamentar para reivindicar o engajamento do governo face a suas reivindicações prioritárias: aumento do salário mínimo, adoção de uma lei sobre equidade salarial e retirada das limitações aos programas de assistência social. Essas duas manifestações permitiram reiterar aos tomadores de decisão políticos e econômicos um recado claro e preciso: as mulheres do Quebec recusam coletiva e solidariamente que a luta contra o déficit se faça “sobre os ombros das mulheres, dos idosos pobres, dos trabalhadores de emprego precário e dos excluídos”. Confirmam, igualmente, a fundamentação social das preocupações e das estratégias do feminismo no Quebec.

Como interpretar essa relativa boa saúde do feminismo no Quebec e a manutenção de seu poder de mobilização? Será que o movimento soube, melhor que outros, conter o refluxo denunciado por Susan Faludi, ou até mesmo preservar o espírito original das lutas das mulheres, a despeito de uma imprensa afoita para abrir suas páginas à menor expressão masculina ou feminina de dissidência? Como, enfim, explicar o relativo consenso social observado apesar dos limites impostos às lutas das mulheres pela tendência atual ao refluxo sobre o privado e pela ditadura de uma “correção política” que nada tem de “correto” em seus efeitos? Sendo que essa última atitude serve frequentemente para dividir, para paralisar a ação dos grupos mais que para promover os interesses dos múltiplos subgrupos cuja causa pretende defender.

Vários fatores sócio-históricos e políticos devem ser invocados para documentar uma resposta exaustiva a essas perguntas. No entanto, do ponto de vista da dinâmica peculiar ao movimento das mulheres no Quebec, quatro fatores nos parecem de particular importância:

1. a inter-relação dinâmica desenvolvida entre o movimento feminista e as grandes associações femininas;
2. a relativa colusão entre os grupos de mulheres e o Estado no Quebec;
3. o compartilhamento de questões em comum com o movimento nacionalista do Quebec; e, enfim,
4. o desenvolvimento de um campo de estudos e de pesquisas feministas, cujos temas e problemáticas foram não apenas tributários das diversas influências teóricas e políticas que marcaram sua paisagem intelectual, mas também foram concordantes com as grandes preocupações que animaram os debates e a ação do movimento de mulheres em suas diferentes fases de desenvolvimento.

### A inter-relação dinâmica entre o movimento feminista e as grandes associações femininas

Ao compará-lo ao movimento feminista francês — que teria mal resistido às confrontações políticas e ideológicas dos anos 70 (Picq, 1987) —, o movimento feminista do Quebec parece ter conseguido evitar tais afrontamentos, embora ele também seja muito heterogêneo em sua composição e pluralista em suas opções ideológicas e políticas como em suas práticas (Sineau e Tardy, 1994). Com efeito, mais pragmático, mais orientado à ação, procurou sobretudo, ao longo de sua história recente, desenvolver uma base comunitária extensa, com alianças estratégicas junto ao conjunto dos grupos de mulheres, visando ao duplo objetivo de estender o alcance de seus discursos e de suas práticas, bem como de reforçar seu poder de representação e de pressão.

Essa orientação levou o movimento a revitalizar ou a implantar, desde meados dos anos 60, associações “nacionais”, operando no âmbito do Quebec. Essa institucionalização, implantada sobretudo nas três últimas décadas — “a década de 80 estando muito presente” (*Femmes en tête*, 1990: 100) —, agrupam, na maioria, tanto organizações locais ou regionais como membros individuais: mulheres de todas as idades, de todas as origens sociais e de todas as filiações políticas (Sineau e Tardy, 1994). Se a maioria dessas associações colocava-se “como objetivo primeiro o de favorecer a participação das mulheres nas diferentes estruturas e esferas de atividades sociais, políticas ou religiosas” (*Femmes en tête*, *ibid.*), várias acrescentam, a essa ordem inicial, atividades de sensibilização, de formação, de pesquisa ou de intervenção junto a seus próprios grupos-membros assim como em praça pública (*ibid.*: 97). Na maioria, a dimensão política de sua

agenda está no âmago de seu envolvimento e de suas ações. Muitas desempenharão, ao longo das décadas, o papel de porta-voz das reivindicações dos numerosos grupos de mulheres afiliados. Agirão também, em diversos momentos e conjunturas, como agentes mobilizadores e “grupos de pressão a serviço do movimento das mulheres” (ibid.), reforçando, assim, sua presença e seu poder de intervenção no nível do conjunto do tecido social do Quebec.

Foi a própria existência dessa dinâmica que incitou os grupos feministas militantes mais radicais do fim dos anos 60 e do começo dos 70 — lembremo-nos do *Front de Libération des Femmes* (FLF), do Centro de Mulheres que o sucedeu ou ainda os coletivos feministas lésbicos e os grupos socialistas — a participar de ações e debates comuns ao resto do movimento. O primeiro efeito sinérgico desses encontros terá sido não apenas o de contribuir à politização dos grupos de mulheres no Quebec, mas também — é uma hipótese de que compartilham outras autoras (Lamoureux, 1992; Sineau e Tardy, 1994) — de provocar uma certa radicalização das grandes organizações ou associações de mulheres, de criar uma tradição de diálogo e de coalizões pontuais e de levar, conseqüentemente, à diversificação das práticas e dos “campos de referência ideológicos” (Lamoureux, op. cit.).

É, portanto, em grande parte apoiado nessa herança que o movimento das mulheres no Quebec conseguirá resistir ao desgaste do tempo, preservar uma relativa unidade e provocar, ainda, nos anos 90, ações de impacto significativas, como a marcha *do pão e das rosas*.

### A relativa colusão entre os grupos de mulheres e o Estado no Quebec

Assim, organizações como a Federação das Mulheres do Quebec — FFQ —, *Relais femmes* dos Centros de Mulheres e a Associação Feminina de Educação e Ação Social — AFEAS —, e várias federações, tais como a Federação das Associações de Famílias Monoparentais do Quebec (FAFMQ), os Centro de Ajuda e Luta contra as Agressões de Caráter Sexual — CALACS —, o Grupamento Provincial das Casas de Abrigo e de Transição para Mulheres Vítimas de Violência Conjugal e os Comitês da Condição Feminina das principais centrais sindicais serão chamadas a gerir diversas coalizões políticas e estratégicas e a intensificar seu *lobby* feminista junto às diversas instâncias governamentais, financeiras e sindicais.

Por outro lado, se bem que suas análises as levem freqüentemente a denunciar o Estado como instituição patriarcal, a maioria das associações e

federações aceita, pontualmente, participar de consultas ou de comissões governamentais. Quando necessário, também optarão por colaborar na elaboração de políticas que lhes concernem, na esperança de melhorar as condições de existência das mulheres no Quebec. Apesar das contradições inerentes a esse tipo de colaboração e dos inevitáveis compromissos que exige, é inegável que sem ela o movimento das mulheres não teria conseguido inscrever na agenda governamental várias de suas reivindicações, nem teria obtido um apoio financeiro adequado para manter suas atividades. Hoje ameaçada pelo recuo do Estado, essa ajuda terá sido fundamental no desenvolvimento das grandes associações e dos grupos de serviços, de educação ou de pressão que ainda constituem, na lista oficiosa de filiações ao movimento, a fonte primeira de sua vitalidade.

A institucionalização parcial do movimento das mulheres pelo e no Estado é outra componente dessa dinâmica. Como destaca Danielle Lafontaine (1981: 127), esse tipo de integração traz inevitavelmente uma marginalização e, em seguida, uma evacuação das perspectivas mais críticas e dos grupos ou indivíduos mais rebeldes ou radicais. Consideramos, no entanto, que, do ponto de vista da eficácia das estratégias sócio-políticas, a contrapartida desse processo terá sido o de dar ao movimento das mulheres meios de ação adicionais e de prover um acesso mais direto aos diversos lugares de poder. Tanto o Conselho do Estatuto da Mulher como o Ministério da Condição Feminina e os comitês de mulheres, nos diversos ministérios, desempenharam, e continuam desempenhando, um papel importante como mediadores das reivindicações das mulheres. O Conselho do Estatuto da Mulher, especialmente, apesar de as restrições que lhe são impostas pelo seu mandato de agente mediador entre o movimento e o governo, é amplamente percebido pelas próprias mulheres como prolongamento do movimento das mulheres, se não até como um de seus componentes, como escreveu Diane Lamoureux (1986: 83).

A inscrição do feminismo no interior dos aparelhos de Estado dará também uma certa legitimidade ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa feministas nas universidades. Sobretudo, irá permitir o financiamento desses pelos programas governamentais de subvenção. Assim, depois da pressão exercida pelas feministas universitárias canadenses inglesas e do Quebec, o Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais do Canadá instaurava, em 1983, um programa regular de subvenções estratégicas sobre o tema Mulheres e Trabalho. Em 1992, o tema será substituído por Mulheres e Mudança Social. A existência e, sobretudo, a manutenção desse programa terão, sem dúvida, contribuído para a instauração no Quebec, como no res-

to do Canadá, de uma tradição de pesquisa empírica e de um conhecimento especializado, tendo como objeto específico a realidade das mulheres e as relações de gênero.

### O compartilhamento de questões em comum com o movimento nacionalista do Quebec

Se as feministas do Quebec — tanto as que operam nas organizações comunitárias, sindicais e governamentais, como as que permaneceram mais próximas dos meios acadêmicos — aceitaram, sem muitas reticências, essa relação funcional com o Estado do Quebec — e não, sejamos claros, com o Estado federal —, é, provavelmente, porque compartilharam com ele interesses comuns quanto a um projeto de modernização da sociedade civil que conclamava à redefinição da cultura, dos valores e das instituições políticas. De fato, no projeto nacionalista modernizador proposto no começo dos anos 60 pelo governo Lesage, a secularização da sociedade e a laicização das instituições que a acompanha, a modernização e a responsabilização do Estado da província, a ampliação do acesso ao sistema de ensino superior, a implantação de um novo regime de assistência social e a abolição de medidas legislativas que sancionavam a autoridade patriarcal nas famílias e nos casais representam condições necessárias, se não suficientes, à atualização das reivindicações do movimento contemporâneo das mulheres. Devido a essa coincidência histórica e estrutural entre os dois projetos de modernização e o que eles colocavam em jogo, o Estado do Quebec é chamado a desempenhar um papel de acompanhamento, de apoio e até mesmo de promoção do projeto das mulheres. No contexto da *Revolução Tranquilha*, como observa Patrice Leclerc (1994), o Estado mostrar-se-á particularmente receptivo às demandas das mulheres. Em contrapartida, o ressurgimento do movimento das mulheres nesse período confere uma impulsão dinâmica e diferente ao projeto de reforma governamental, sendo as próprias mulheres percebidas como grupo portador da modernização.

De fato, várias autoras do Quebec, como Diane Lamoureux (1986), vêm uma analogia marcante entre as tomadas de posição nacionalistas que se sucederam e os aforismos do movimento das mulheres: desde o “Nem liberação das mulheres sem Quebec livre, nem Quebec livre sem liberação das mulheres”, clamado em 1971, pela Frente de Liberação do Quebec, ao título explícito do relatório da grande consulta feita às mulheres pelo Conselho do Estatuto da Mulher em 1978: *Pour les québécoises: égalité et indépendance*, até a recente proposição da Federação das Mulheres do Quebec por

“Um Quebec feminino plural” (1992), a trama sócio-política da história contemporânea do Quebec desenha-se claramente. Sem dúvida, está aí também a razão pela qual, como sustenta Micheline DeSève (1992), o nacionalismo no Quebec não afastou as mulheres do feminismo e de suas causas, como elas, às vezes, pretendem. Ao contrário, foi e permanece, diz DeSève, parte integrante da sua busca de identidade e de agregação. É claro que essa conjuntura pode ter sido a origem de sua recusa em se aliar ao ponto de vista das feministas canadenses no momento dos debates constitucionais. Da mesma forma, a distância que separa as posições dos dois grupos lingüísticos sobre essa questão explica, sem dúvida, por que a rede feminista canadense permanece, para muitas universitárias e militantes do Quebec, uma das redes com as quais elas têm poucos contatos: os membros daquela rede parecem mais inclinadas a acolher a idéia de uma sociedade canadense multicultural do que a de uma país binacional, que as forçaria a reconhecer, com as conseqüências políticas inevitáveis, o Quebec como uma sociedade distinta. Seja como for, e seja qual for a posição das mulheres do Quebec quanto à questão nacional tal como ela se coloca atualmente, trata-se, aqui, sobretudo, de destacar que essa esteve e permanece no âmago da especificidade do movimento das mulheres no Quebec, de seu dinamismo peculiar e da natureza de seus envolvimento políticos.

Em resumo, para compreender a gênese do movimento das mulheres do Quebec contemporâneo, e sua persistência, deve-se manter contato com a idéia de que a evolução contemporânea do movimento foi amplamente marcada pelo contexto sócio-político da renovação nacionalista na qual ela se atualizou, que as mulheres do Quebec escolheram fazer do Estado seu primeiro interlocutor e ver nele um agente “facilitador” de seus próprios objetivos de afirmação. Esta conjuntura terá um papel importante na promoção de solidariedades entre homens e mulheres em torno de uma causa ou de ações políticas comuns. Mais ainda, estimulará o aparecimento e, depois, a consolidação de uma rede política feminista.

## O desenvolvimento do pensamento feminista no Quebec

Enfim, parte integrante dessa dinâmica social complexa, o desenvolvimento da pesquisa e de programas de estudos feministas nas universidades do Quebec favorece o recrutamento e a reprodução de recursos humanos, assim como a consolidação de lugares de identificação e de reunião.

Abrimos aqui um parêntese para lembrar que o pensamento feminista no Quebec desenvolveu-se na dupla influência canadense-americana e fran-

cesa: essa interação contribui amplamente para lhe oferecer um caráter próprio e distinto, resultado do encontro frutífero entre a abordagem pragmática e mais empírica das americanas e as perspectivas teóricas privilegiadas pelas pensadoras feministas francesas. Além disso, de suas irmãs canadenses, as feministas do Quebec retêm a noção de agenda política. A conjugação dessas influências induzirá, de um lado, ao desenvolvimento de práticas de pesquisa diferentes, tanto em suas abordagens teóricas e metodológicas, como nos seus objetivos estratégicos. De outro lado, mostrar-se-á propícia à associação dos interesses de pesquisa das feministas universitárias às práticas e necessidades dos grupos de mulheres.

Provavelmente, um dos resultados mais palpáveis dessa relação terá sido a assinatura, em 1981, de um protocolo de entendimento entre *Relais femmes* e a Universidade do Quebec em Montreal (UQAM). Concretamente, esse Protocolo, cujo princípio estende-se, agora, a outras universidades da província, provê um apoio institucional e financeiro a uma interação constante entre os membros da comunidade universitária e os grupos de mulheres. Coloca à disposição certos recursos materiais e técnicos da Universidade, mas, sobretudo, facilita o acesso ao conhecimento especializado universitário para responder às diversas necessidades das associações femininas e dos grupos feministas em matéria de pesquisa ou de ensino. Iniciativa original, o protocolo representa um canal privilegiado pelo qual os grupos de mulheres acedem a recursos universitários. Além disso — exemplo único de colaboração entre universitárias e mulheres envolvidas na ação — favorece o embasamento social da pesquisa ao sensibilizar as primeiras para as práticas e necessidades das últimas. Tal iniciativa, assim como a conjuntura sócio-política que a ensejou, contribuiu inegavelmente à redução das divisões que freqüentemente emperram as relações entre feministas universitárias e militantes, favorecendo, por isso mesmo, a participação mais constante daquelas nas lutas. Assim, há mais de duas décadas, os discursos e os conhecimentos produzidos pelas pesquisadoras feministas no Quebec trazem não só a marca das filiações e das rupturas que as ligam ou as opõem às diversas escolas de pensamento que atravessaram o campo dos estudos feministas ao longo de sua história, mas também a da vontade militante de mudança social.

## O que o futuro nos reserva?

Com a diminuição progressiva do envolvimento estatal com os grupos de mulheres e a prevalência de um certo ceticismo quanto às capacidades de *empowerment* das mulheres por suas relações com o Estado, qual será o futuro do movimento feminista no Quebec? A última derrota referendária, os contragolpes da crise econômica, mas, sobretudo, o surgimento de obstáculos cada vez mais numerosos às tomadas de posição coletivas dificultariam, apesar de exceções notáveis, a prática da cultura feminista desenvolvida no Quebec ao longo das últimas décadas? Sobretudo porque, mais estabelecidas em sua identidade de mulheres do Quebec, fortalecidas na reflexão e nas vitórias de suas antecessoras, muitas mulheres concebem agora, de maneira diferente, o seu envolvimento. Confiantes em sua igualdade adquirida, elas precisariam ser convencidas da pertinência de continuar as lutas coletivas para resolver problemas que as confrontam no cotidiano.

Nesse contexto, um grande desafio confronta o movimento das mulheres no Quebec, que deve não só ser capaz de responder à busca da afirmação individual das mulheres e a seu desejo de harmonia entre os sexos, mas também de reuni-las em uma luta coletiva contra as múltiplas limitações que ameaçam, atualmente, suas conquistas sócio-econômicas. Não é preciso dizer que tal desafio só poderá ser enfrentado se o feminismo no Quebec encontrar a energia e a vontade política de se interrogar sobre os limites das ações empreendidas no passado, assim como sobre os novos problemas e as novas contradições geradas pelas vitórias obtidas. De um lado, essa reflexão impõe-se para alcançar uma melhor compreensão do verdadeiro significado das hesitações, se não das recusas, expressas por muitas mulheres e grupos de mulheres às proposições feministas. De outro, pode representar o ponto de partida para o estabelecimento de diversas práticas de colaboração entre mulheres, apesar da multiplicidade das incitações e das limitações sócio-culturais e econômicas que marcam sua experiência e as afastam, aparentemente, das condições comuns de opressão que serviram à sua mobilização inicial. Nesse sentido, é particularmente importante evitar toda tentativa de univocidade ou de normatividade que leva certas pessoas a considerar que existem bons e maus feminismos, boas e más feministas. Ao contrário, o movimento das mulheres deve tirar as lições sociais e intelectuais pertinentes da expressão de práticas e de pontos de vista divergentes.

Da mesma forma, na contracorrente das tendências ao individualismo, à fragmentação das lutas ou à desmobilização política que prevalecem, o mo-

vimento deve evitar fechar-se em problemas do singular, do particular e do imediato. Ao contrário, ele precisa elaborar um programa, uma plataforma comum que respeite a diversidade das experiências sócio-culturais e das necessidades das mulheres do Quebec. Para vencer os preconceitos sexistas e as barreiras discriminatórias que permanecem, além de outros obstáculos que ainda se levantam no caminho das mulheres, precisará apostar no estabelecimento de solidariedades mais profundas entre as mulheres e no desenvolvimento de novas alianças, e ainda resolver o problema da sucessão geracional, se nos indagamos sobre o futuro do feminismo no Quebec.

Por fim, confrontado à invasão de um pensamento sócio-político sistematicamente economicista e individualista, temos de imaginar que o movimento das mulheres, ao conservar sua liderança no nível de ações pontuais indispensáveis, deverá multiplicar o número de seus interlocutores e alargar o campo de sua crítica social e de sua intervenção, caso pretenda interpelar toda a complexidade dos processos sociais sexuados em questão e enfrentar os efeitos perversos das novas situações encontradas.

*Abstract.* Defining feminism as a practice and discourse, in other words as a social movement and a theoretical framework, this article presents the main socio-historical factors explaining the specificity and the dynamics of the Quebec feminist movement. In the present neo-liberalism context, it is argued that the women's movement in Quebec is a very active socio-political actor that also proposes plural and comprehensive analytical perspectives to deconstruct the sexualized dimension of all social processes.

*Résumé.* Définissant le féminisme comme pratique et discours, autrement dit comme mouvement social et problématique théorique, dans le présent article, l'auteur retrace les principaux facteurs socio-historiques à l'origine de la spécificité et de la résilience du mouvement féministe québécois. Dans l'actuel contexte néolibéral, il est postulé que le mouvement des femmes québécois représente un acteur socio-politique de premier plan, alors qu'il propose des perspectives d'analyse plurielles et compréhensives pour appréhender la dimension sexuée des processus sociaux.

## Nota

1. Artigo a ser publicado, também, nos Anais do Colóquio "Féminismes et cultures politiques nationales", Paris, l'Harmattan.

## Referências Bibliográficas

- ASSELIN, Michèle, (1994) "L'R des centres de femmes du Québec. L'histoire d'un vaste regroupement", in DARSIGNY, Maryse *et alii* (orgs.), *Ces femmes qui ont bâti Montréal. La petite et la grande histoire des femmes qui ont marqué la vie de Montréal depuis 350 ans*. Montréal: Editions du remue-ménage, pp. 536-537.
- BACKHOUSE, Constance & FLAHERTY, David H. (orgs.), (1992) *Challenging times: The mouvement in Canada and the United States*. Toronto: McGill/Queen's University Press.
- BÉGIN, Monique, (1992) "The Royal Commission on the Status of Women in Canada: Twenty years later", in BACKHOUSE, C. & FLAHERTY, D. H. (orgs.), *Challenging times: The mouvement in Canada and the United States*. Op. cit., pp. 21-38.
- CODERRE, Cécile, (1994) "La fédération des femmes du Québec. Un conseil régional bien implanté à Montréal" in DARSIGNY, Maryse *et alii* (orgs.), *Ces femmes qui ont bâti Montréal. La petite et la grande histoire des femmes qui ont marqué la vie de Montréal depuis 350 ans*. Op. cit., pp. 357-359.
- COHEN, Yolande, (1990) *Femmes de parole: L'histoire des Cercles de Fermières du Québec, 1915-1990*. Montréal: Le jour.
- Collectif Clio, (1992) *L'histoire des femmes au Québec depuis quatre siècles*. Montreal: Le Jour.
- DARSIGNY, Maryse *et alii* (orgs.), *Ces femmes qui ont bâti Montréal. La petite et la grande histoire des femmes qui ont marqué la vie de Montréal depuis 350 ans*. Op. cit.
- DESÈVE, Micheline, (1992) "The perspectives of Quebec feminists" in BACKHOUSE, Constance & FLAHERTY, David H. (orgs.), (1992) *Challenging times: The mouvement in Canada and the United States*. Op. cit., pp. 110-116.
- DROLET, Marie *et alii.*, (1988) "Par-delà les barrières des sexes", in *Service Social*, vol. 37 (1-2), pp. 9-13.

- DUMONT, Micheline, (1992) "The origins of the women's movement in Quebec", in BACKHOUSE, Constance & FLAHERTY, David H. (orgs.), (1992) *Challenging times: The mouvement in Canada and the United States*. Op. cit., pp. 72-89.
- Femmes en Tête*, (1990) *De travail et d'espoir. Des groupes de femmes racontent le féminisme*. Montréal: Ed. du remue-ménage.
- KURTZMAN, Lyne, (1991) "Le protocole Relais-femmes". *La Course*, n. 5 e 6.
- LAFONTAINE, Danielle, (1981) "La recherche scientifique et la cause des femmes", in COHEN, Yolande, (org.) *Femmes et politique*. Montréal: Le Jour.
- LAMOUREUX, Diane, (1986) *Fragments et collages: Essai sur le féminisme québécois des années 70*. Montréal: Ed. du remue-ménage.
- . (1992) "Nos luttes ont changé nos vies. L'impact du mouvement féministe", in DAIGLE, Gérard (org.) *Le Québec en jeu. Comprendre les grands défis*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, pp. 693-711.
- LAMOUREUX, Jocelyne, (1993) *Femmes en mouvement. Trajectoires de l'Association Féminine d'Éducation et d'Action Sociale, AFEAS 1966-1991*. Montréal: Boréal.
- LAURIN, Nicole, (1994) "Du féminisme actuel". Trabalho apresentado no seminário "Féminismes et cultures politiques nationales". Centre Jacques Cartier, Lyon.
- LECLERC, Patrice, (1994) "New social movement theory: Does it explain the feminist movement in Quebec?", in *Socialist Studies Bulletin*, n. 38, pp. 19-33.
- MAILLÉ, Chantal, (1992) *Les québécoises et la conquête du pouvoir politique*. Montréal: Ed. Saint-Martin.

- MAILLÉ, Chantal, (1994) "Stratégies féministes et représentation politique". Trabalho apresentado no seminário "Formação, pesquisa e edição feministas na Universidade". Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo.
- OUELETTE, Françoise-Romaine, (1990) "Les regroupements de femmes dans les années 1980. Entraide et nouvel profil du mouvement des femmes", in BRAULT, M. & SAINT-JEAN, L. *Entraide et association*. Québec: Institut québécois de recherche sur la culture, n. 16, pp. 73-94.
- PICQ, Françoise, (1987) *Le mouvement de libération des femmes et ses effets sociaux*. Relatório de pesquisa CNRS, ATP Recherches féministes et recherches sur les femmes. Paris: CNRS.
- SINEAU, Mariette & TARDY, Evelyne, (1994) *Droits des femmes en France et au Québec, 1940-1990*. Montréal: Ed. du remue-ménage.
- STANTON, Danielle, (1994) "Si la tendance se maintient...", in *La Gazette des femmes*. Quebec: CSF, vol. 15, n. 6.

Tradução de **Maria Lucia Maciel**.